



# CAM ões

DICIONÁRIO



LUÍS de  
CAM ões



VÍTOR  
AGUIAR E SILVA

CAMINHO

DICIONÁRIO

DE



LUÍS de  
CAM ões

COORDENAÇÃO  
VÍTOR AGUIAR E SILVA

CAMINHO

|              |                      |                        |
|--------------|----------------------|------------------------|
|              | CAMINHO              | ISBN 978-972-21-2146-0 |
|              |                      |                        |
| www.leya.com | www.caminho.leya.com | DICIONÁRIOS            |

DICIONÁRIO



LUÍS de  
CAM ões



DICIONÁRIO



LUÍS de  
CAM ões

COORDENAÇÃO  
VÍTOR AGUIAR E SILVA

CAMINHO

Título: DICIONÁRIO DE LUÍS DE CAMÕES  
Coordenação: VÍTOR AGUIAR E SILVA  
© Editorial Caminho, 2011  
Coordenação editorial: Laura Mateus Fonseca  
Revisão: Fernanda Fonseca, Laura Mateus Fonseca e Nuno Carvalho

Capa: design – Rui Rosa/Croquidesign  
Ilustração da capa: *Retrato de Camões*, de Fernão Gomes (c. 1573)  
Seleção iconográfica: Vítor Serrão  
Paginação: Manuela Pinto  
Pré-impressão: Leya, SA  
Impressão e acabamento: CEM

1.ª edição  
Tiragem: 2000 exemplares  
Data de impressão: setembro de 2011  
Depósito legal n.º 316 808/10  
ISBN: 978-972-21-2146-0

Editorial Caminho, SA  
Uma editora do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
www.caminho.leya.com  
www.leya.com

## Apresentação

Conceber, planificar e dar corpo a um *Dicionário de Camões* é um empreendimento complexo e temível, tal é a grandeza da obra do Poeta e de tal modo os estudos camonianos — ou a camonologia ou a camonística — têm acumulado e reelaborado, desde há mais de quatro séculos, notícias históricas e biográficas, indagações filológicas e histórico-literárias, análises e debates de natureza poetológica, juízos críticos, propostas hermenêuticas e reflexões filosóficas, políticas, teológicas, etc., sobre o Escritor que, logo a partir do último quartel do século XVI, se converteu na figura estelar do cânone da literatura portuguesa e cuja poesia, tanto a épica como a lírica, alcançou irradiação universal sobretudo desde o Romantismo e continua a fecundar outros poetas, a originar novas leituras e interpretações, a ser objeto de novas investigações filológicas e de novas reflexões ensaísticas. Por outras palavras, Camões é um clássico que tem sido moderno ao longo dos séculos, desde o Maneirismo e o Barroco até à nossa contemporaneidade, porque inúmeros leitores, em todas as épocas, têm lido admirativamente a sua obra e porque gerações sucessivas de escritores têm dialogado com a sua poesia, reescrevendo-a, refratando-a, reinterpretando-a, desvelando nela os seus próprios sonhos e desejos, os seus próprios espectros e demónios, as suas mágoas e melancolias. Como aforismicamente escreveu Azorín: «en tanto en quanto los clásicos son capaces de reflejar nuestra sensibilidad moderna, son clásicos».

O domínio fundamental que o Dicionário contempla é naturalmente a obra de Camões, nos seus diversos modos, géneros e subgéneros literários, nas suas formas, nos seus significados e nas suas articulações filosóficas e ideológicas. Não se descurou a biografia do Poeta, sobre a qual têm sido urdidas tantas conjeturas, mas o lugar central do Dicionário está ocupado pelas análises de vária índole do *corpus* textual camoniano, objetivo que pressupõe a clarificação, na medida do possível, do labiríntico problema dos textos autênticos e dos textos apócrifos da lírica de Camões. As questões

filológicas suscitadas pela tradição manuscrita e pela tradição impressa da obra camoniana, sobretudo no que diz respeito à lírica, mereceram também por isso especial atenção. Aquelas análises, sem prejuízo dos seus vectores linguísticos, estilísticos, poetológicos, tematólogicos, mitocríticos, antropológicos, etc., assentam numa perspetiva histórico-literária *lato sensu* e inscrevem-se muitas vezes num horizonte comparatista, segundo as diversas iluminações heurísticas que o comparatismo pode proporcionar — e.g., Camões e Virgílio, Camões e Petrarca, Camões e Ariosto, etc., ou, no domínio das relações interartes, as articulações entre a poesia e a música, a poesia e a pintura, a poesia e as artes plásticas, em geral.

Como contributos para a construção, sempre precária e lábil, do contexto da obra camoniana, figuram no Dicionário extensos verbetes sobre os grandes movimentos da cultura, das ideias e das artes que modelaram o tempo histórico de Camões: Humanismo, Renascimento, Petrarquismo, Neoplatonismo e Maneirismo. Estes conceitos histórico-culturais, filosóficos e estético-literários representam elementos fundamentais da configuração e da dinâmica do campo literário contemporâneo do Poeta.

A fim de proporcionar ao leitor uma representação mais minudente desse campo literário, foram incluídos no Dicionário artigos sobre escritores coevos de Camões, com alguns dos quais o Poeta manteve comprovadamente relações literárias e pessoais. O seu círculo de amigas e de eventuais inimigas literárias continua a ser, aliás, matéria mal conhecida e controversa, mas é um facto bem significativo que a edição *princeps* d'*Os Lusíadas* tenha vindo à luz despida de quaisquer paratextos de louvor e celebração, como era usual naquela época. A configuração do campo da literatura portuguesa no tempo de Camões seria precária, se não se tivesse em conta a sua inserção numa alargada comunidade interliterária ibérica e, mais latamente ainda, numa comunidade interliterária ibérica com uma influentíssima componente itálica. Daí a existência de artigos dedicados a autores espanhóis e italianos que contribuíram poderosamente para a configuração daquele campo.

O estudo da recepção de Camões, na história da literatura portuguesa e nas principais literaturas estrangeiras, constituiu um dos grandes objetivos do Dicionário. No âmbito da literatura portuguesa, diversos verbetes analisam a recepção da obra de Camões no Barroco, no Neoclassicismo, no Romantismo, no último quartel do século XIX, no Neorromantismo e no(s) Modernismo(s). Os artigos sobre Camões e o cânone literário português, sobre a polémica contra José Agostinho de Macedo e sobre Camões e Fernando Pessoa correlacionam-se estreitamente com aqueles verbetes. Os artigos sobre a recepção de Camões nas principais literaturas estrangeiras proporcionam um estudo pormenorizado da irradiação universal da poesia camoniana, desde as traduções aos comentários, às análises e aos juízos que lhe têm sido dedicados.

A origem e o desenvolvimento plurissecular da camonologia estão contemplados em artigos autónomos consagrados a numerosos camonistas, desde Pedro de Mariz, Manuel Correia, Severim de Faria e Faria e Sousa até Hernâni Cidade, Rebelo Gonçalves, Costa Pimpão, Emmanuel Pereira Filho e Jorge de Sena. Ao longo dos tempos foram os camonistas que, como biógrafos, comentadores, editores, filólogos, historiadores literários e hermeneutas, contribuíram decisivamente para que a obra de Camões fosse difundida, estudada e admirada. Um dos critérios adotados na escolha dos camonistas aos quais foi consagrado um verbete autónomo foi o da não inclusão de camonistas vivos — e existem felizmente muitos insignes camonistas vivos.

Quando o Dicionário estava já praticamente encerrado, ocorreram dois infaustos acontecimentos que enlutaram a comunidade dos camonistas. No dia 8 de outubro de 2010, faleceu o Doutor Aníbal Pinto de Castro (n. 1938), Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que durante muitos anos regeu com mestria a cadeira de Estudos Camonianos na sua Faculdade e que legou à camonologia um rico e sólido património de investigações coligidas na obra *Páginas de Um Honesto Estudo Camoniano* (Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007). A doença que lhe ensombrou os últimos anos de vida impediu que redigisse para este Dicionário diversos artigos que generosamente tinha aceitado escrever. No dia 30 de janeiro de 2011, faleceu no Rio de Janeiro o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho (n.1927), Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que desde os anos finais da década de sessenta do século XX se consagrou de modo absorvente ao estudo da lírica de Camões, em particular aos problemas do seu cânone, num extraordinário labor corporizado em numerosos estudos e sobretudo nos volumes da edição da *Lírica de Camões*, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e ainda não concluída — contribuição inestimável para o conhecimento do texto da lírica do Poeta. Felizmente, o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho ainda pôde enriquecer e honrar este Dicionário com a sua colaboração.

Como responsável pela coordenação do *Dicionário de Luís de Camões*, cabe-me a conceção e a planificação da obra. Como sempre acontece, entre o modelo ideal projetado e a sua realização prática medeia uma inevitável distância. Tenho consciência de algumas limitações e de algumas lacunas do Dicionário, sobretudo em áreas como a historiografia, a geografia, a astronomia e a medicina, relevantes em especial na leitura d'*Os Lusíadas*. Embora o princípio orientador que regeu a conceção e a planificação do Dicionário tenha sido o da primazia concedida ao estudo da obra poética de Camões, não se optou de modo nenhum por uma orientação formalista *stricto sensu*. Em empreendimentos desta natureza, porém, é por vezes difícil encontrar colaboradores

especializados e com disponibilidade de tempo. Numa eventual segunda edição do Dicionário, poderão ser sanadas algumas daquelas limitações e lacunas.

Procurei assegurar a colaboração de camonistas, tanto nacionais como estrangeiros, de várias gerações, com diversas orientações metodológicas, com entendimentos diferentes da obra de Camões, guiando-me tão-só pelo reconhecimento da sua competência e procurando, na medida do possível, adequar os verbetes solicitados à especialização de cada um. Apenas em dois casos, se a memória não me traiçoa, os colaboradores convidados não puderam aceder à minha solicitação, por motivos de saúde e por outros compromissos inadiáveis de trabalho académico. Impressionou-me muito o modo como praticamente todos, com as duas exceções referidas, aceitaram com entusiasmo colaborar neste projeto. Se necessário fosse, esta é mais uma prova de como Camões está vivo e fala à inteligência e à sensibilidade dos nossos contemporâneos.

Respeitei naturalmente a inteira liberdade de cada colaborador na conceção e na escrita dos seus artigos. Camões e a sua obra foram sempre objeto de análises e interpretações diversas, divergentes e muitas vezes contrapostas e é esta pluralidade de vozes filológicas, poetológicas, críticas e hermenêuticas que constitui um dos fascínios maiores dos estudos camonianos. Não se trata de anular o conceito de verdade, nem sequer de o relativizar radicalmente, mas tão-só de reconhecer que a complexidade formal e semântica da poesia de Camões convoca legitimamente diversas propostas de compreensão, explicação e valoração, exigindo dos camonistas um rigor acrescido na fundamentação, na argumentação e na explanação das suas análises filológicas, histórico-literárias, críticas e hermenêuticas. Não é estranhável, por isso, que entre as ideias, as interpretações e os juízos expressos nalguns verbetes de diferentes autores se encontrem hipóteses, teses, propostas e perspetivas não coincidentes e porventura até discrepantes.

Vou mencionar um exemplo concreto relativamente simples. Nalguns artigos, encontrará o leitor a expressão «*concílio* dos deuses» — deuses olímpicos e deuses marinhos — e noutros encontrará a forma «*consílio* dos deuses». A palavra *consílio* ocorre uma única vez n'Os Lusíadas (I.20.3) — «Quando os Deuses no Olimpo luminoso, / onde o governo está da humana gente, / se ajuntam em *consílio* glorioso» —, aparecendo assim grafada em todos os exemplares da edição de 1572. A forma *concílio* não ocorre no poema. Em latim, a palavra *consilium*, derivada do verbo *consulere*, significa conselho, assembleia de consulta, aconselhamento e deliberação. A palavra *concilium*, relacionada com o verbo *calare*, significa reunião, ajuntamento, assembleia, nos quais se toma uma deliberação, sendo usada sobretudo no domínio eclesial. Como se conclui, o conteúdo semântico dos dois vocábulos é muito semelhante, sendo de relevar apenas como fator distintivo o uso prevalente de *concílio* na linguagem da

Igreja Católica. Por isso, alguns editores d'Os Lusíadas — Faria e Sousa, Barreto Feio, Cláudio Basto e Hernâni Cidade, por exemplo — adotam a palavra *concílio*, ao passo que outros editores — e.g., Epifânio Dias, José Maria Rodrigues, Costa Pimpão, António José Saraiva, Emanuel Paulo Ramos e Sílvio Elia — utilizam o vocábulo *consílio*. Tendo em consideração que esta é uma forma registada em todos os exemplares conhecidos da edição *princeps* d'Os Lusíadas e que não existem razões de ordem semântica que contrariem tal uso, também eu defendo a utilização da forma *consílio* (a qual, como anota José Maria Rodrigues, figura no prólogo da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, coevo de Camões, no sintagma «o grave consílio dos Deuses»). Não me esqueço, todavia, de que eminentes classicistas e camonistas como Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira utilizam nos seus estudos a forma *concílio*.

Agradeço aos colaboradores a confiança que lhes mereceu este projeto e o modo generoso como nele participaram. O seu saber e o seu labor é que permitiram tornar realidade o *Dicionário de Luís de Camões*.

Devo um agradecimento especial a José Manuel Mendes, porque foi ele, alguns anos atrás, a voz persuasiva que me lançou o desafio desta tarefa camoniana agora concluída.

Agradeço a Zeferino Coelho e a Laura Mateus Fonseca o empenhamento, o desvelo e a competência com que acompanharam o desenvolvimento e a concretização deste projeto editorial.

E por último — só na sucessão dos parágrafos... —, agradeço à minha Mulher o devotado apoio que me prestou na realização deste sonho.

Braga, 31 de março de 2011  
Vitor Aguiar e Silva

## Colaboradores

- Abel N. Pena — Universidade de Lisboa  
Apolo (Mito de); Musas (Mito das)
- Aires A. Nascimento — Universidade de Lisboa  
Humanismo
- Albano Figueiredo — Universidade de Coimbra  
*Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende; Poesia peninsular do século xv e Camões (A)
- Amadeu Torres — Universidade Católica Portuguesa e Universidade do Minho  
Traduções latinas d'*Os Lusíadas*
- Ana Filipa Gomes Ferreira — Universidade de Lisboa  
Bernardes, Diogo
- Ana María García Martín — Universidade de Salamanca  
Bilinguismo literário luso-castelhano no tempo de Camões; Uso do castelhano na obra de Camões (O)
- Ana María S. Tarrío — Universidade de Lisboa  
Meneses, João Rodrigues de Sá de
- Ángel Marcos de Dios — Universidade de Salamanca  
Boscán, Juan; Garcilaso de la Vega; Montemayor, Jorge de
- Anne Gallut-Frizeau — Universidade de Toulouse Le Mirail  
Morgado de Mateus e a edição d'*Os Lusíadas* (O)
- Anne-Marie Quint — Universidade de Paris III  
Pinto, Frei Heitor; Receção de Camões na Literatura Francesa
- António Apolinário Lourenço — Universidade de Coimbra  
Camões e Fernando Pessoa
- Artur Anselmo — Universidade Nova de Lisboa  
Censura inquisitorial na época de Camões (A); Coelho, Manuel; Craesbeeck, Pedro; Fernandes, Domingos; Ferreira, Frei Bartolomeu; Gonçalves, António; Lira, Manuel de; Lopes, Estêvão; Tarrique, Frei António; Tipografia portuguesa no tempo de Camões (A)
- Carlos Ascenso André — Universidade de Coimbra  
Degredo (Tema do... na poesia de Camões); *Eneida* e *Os Lusíadas* (A); Metamorfose (Tema da... na obra de Camões); Ovídio e Camões; Poesia e pintura na poesia de Camões
- Carlos Cunha — Universidade do Minho  
Braga, Teófilo (camonista); Comemoração do Tricentenário da Morte de Camões — 1880
- Dinah Moraes Nunes Rodrigues — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC Rio  
*Cancioneiro de Luis Franco Correa*; Gândavo, Pero de Magalhães de; *Rimas* de Camões (*Cancioneiro ISM* e comentários)
- Elias Torres Feijó — Universidade de Santiago de Compostela  
Receção de Camões na Galiza

- Fernando Azevedo — Universidade do Minho  
Camões e a Literatura Infantojuvenil
- Fernando Paulo Baptista — Centro de Estudos Aquilínios  
Ribeiro, Aquilino (camonista)
- Fernando Pinto do Amaral — Universidade de Lisboa  
Melancolia
- Frederico Lourenço — Universidade de Coimbra  
Amor; Gonçalves, Francisco da Luz Rebelo (camonista); Homero
- Gilberto Mendonça Teles — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro –PUC Rio  
Receção de Camões na Literatura Brasileira
- Helena Langrouva — Investigadora doutorada pela Universidade Nova de Lisboa  
Camões e as Artes; Camões e a Música; Marte (Mito de); Neptuno (Mito de); Orfeu (Mito de); Viagem  
n'Os Lusíadas, nas *Rimas* e nas *Cartas* de Camões
- Hélio J. S. Alves — Universidade de Évora  
Corte-Real, Jerónimo; Crítica camoniana no século XVII (A) (em parceria com Maria da Conceição F. Pires);  
Épica na Literatura Portuguesa do século XVI (A); Epopeia e o poema cavaleiresco no Renascimento (A);  
Evemerismo n'Os Lusíadas; Faria e Sousa, Manuel de; Máquina do Mundo n'Os Lusíadas (A);  
Maravilhoso n'Os Lusíadas (O)
- Irina Khoklova — Universidade de S. Petersburgo  
Receção de Camões na Literatura Russa
- Isabel Almeida — Universidade de Lisboa  
Cartas de Camões; Cidade, Hernâni (camonista); Correia, Manuel; Maneirismo; Maneirismo em Camões;  
Mariz, Pedro de; Morais, Francisco de; Rodrigues, José Maria (camonista)
- Ivo Castro — Universidade de Lisboa  
Língua de Camões
- João de Almeida Flor — Universidade de Lisboa  
Receção de Camões na Literatura Inglesa
- José Augusto Cardoso Bernardes — Universidade de Coimbra  
Adamastor (Episódio do); *Auto dos Anfitriões*; *Auto d'El Rei Seleuco*; *Auto de Filodemo*; Medida Velha;  
Pinto, Fernão Mendes; Renascimento; Teatro
- José Cândido de Oliveira Martins — Universidade Católica Portuguesa  
Amora, António Soares (camonista); Figueiredo, Fidelino de (camonista); *História Trágico-Marítima*  
(antiepopeia da decadência do império); Naufrágio de Sepúlveda (Episódio do); Paródias d'Os Lusíadas;  
Polémica contra José Agostinho de Macedo
- José Carlos Seabra Pereira — Universidade de Coimbra  
Augustinianismo em Camões; Camões e o(s) Modernismo(s) em Portugal; Camões e o Neorromantismo;  
Inês de Castro (Episódio de)
- Juan M. Carrasco González — Universidade da Extremadura (Cáceres)  
Bernardim Ribeiro e Camões
- Júlia Garraio — Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra  
Michaëlis de Vasconcelos, Carolina; Storck, Wilhelm (camonista)
- Kenneth David Jackson — Universidade de Yale  
Edição *Princeps* d'Os Lusíadas (A)
- † Leodegário A. de Azevedo Filho — Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade  
Federal do Rio de Janeiro  
Métrica em Camões (A)
- Luís de Oliveira e Silva — Universidade Nova de Lisboa  
Autor e narrador n'Os Lusíadas; Consílio dos Deuses Marinhos; Consílio dos Deuses Olímpicos; Épica e  
Império; Fado e Fortuna d'Os Lusíadas; Gama, Vasco da; *Lusíadas (Os)* e *La Araucana*; Vasco da Gama a  
D. Quixote (De)
- Luís de Sá Fardilha — Universidade do Porto  
*Cancioneiro da Biblioteca do Escorial*; *Cancioneiro de Corte e de Magnates*; *Cancioneiro de D. Cecília*  
*de Portugal*; *Cancioneiro de Évora*; *Cancioneiro do Manuscrito 2209* do Arquivo Nacional da Torre do  
Tombo; *Cancioneiro da Real Academia de la Historia de Madrid*; Castro do Rio, Martim de; Lencastre,  
D. João de (Duque de Aveiro); Luís, Infante D.; Portugal, D. Manuel de
- Mafalda Ferin Cunha — Universidade Aberta  
Camões na poesia barroca portuguesa; Quevedo (Castelbranco), Vasco Mousinho
- Manuel Ferro — Universidade de Coimbra  
Almeida, Manuel Pires de; Boiardo, Matteo Maria (receção em Portugal); Doze de Inglaterra (Episódio dos)
- Marcia Arruda Franco — Universidade de São Paulo  
Afrânio Peixoto, Júlio (camonista); Cãnone literário português e Camões (O); Desconcerto do mundo (Tema  
do... na obra de Camões); Ficalho, Conde de, *Flora dos Lusíadas*; Horacianismo em Camões; Labirintos
- Margarida Braga Neves — Universidade de Lisboa  
Sena, Jorge de (camonista)
- Maria Augusta Lima Cruz — Universidade do Minho  
Camões e Diogo do Couto
- Maria da Conceição F. Pires — Escola Secundária Gabriel Pereira (Évora)  
Crítica camoniana no século XVII (A) (em parceria com Hélio J. S. Alves); Faria, Manuel Severim de
- Maria do Céu Fraga — Universidade dos Açores  
Armas e letras; Canção; *Cancioneiro de Cristóvão Borges*; *Cancioneiro de Fernandes Tomás*; *Círculo*  
*Camoniano*; *Collecção Camoneana* de José do Canto; Eclogas; Elegias; Epístolas; Odes; Orta, Garcia de;  
Pavão, José de Almeida (camonista); Sextina
- Maria Helena Ribeiro da Cunha — Universidade de São Paulo  
Neoplatonismo de Camões; *Revista Camoniana*
- Maria Helena da Rocha Pereira — Universidade de Coimbra  
Tradição clássica na obra de Camões (A)
- Maria Manuela Gouveia Delille — Universidade de Coimbra  
Receção de Camões na Literatura Alemã
- Maria do Rosário Lupi Belo — Universidade Aberta  
Camões e o Cinema
- Maria Vitalina Leal de Matos — Universidade de Lisboa  
Biografia de Luís de Camões; *Lusíadas (Os)*; Sá de Miranda, Francisco de
- Marina Machado Rodrigues — Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
Lírica de Camões: modelo de edição crítica da Nova Escola Camoniana Brasileira; Pereira Filho,  
Emmanuel (camonista)
- Martim de Albuquerque — Universidade de Lisboa  
Conceção do poder político em Camões (A)



cina com a exegese de passos obscuros da obra do poeta, no ensaio *Camões médico ou a Medicina d'Os Lusíadas*. A decifração das referências à anatomia feminina, na imagem das «brancas flores» de Inês de Castro e dos «roxos lírios» de Vênus, foi imediatamente homologada e tornada clássica pela camonologia então nascente. A respeito dos versos: «Porém nem tudo esconde nem descobre / O véu dos roxos lírios pouco avaro» (*Os Lusíadas*, II.37), considera que a imagem botânica não representa «nem a pele do corpo todo, nem a do ventre, nem talvez os pêlos do púbis, nem talvez esse *oro hilado*, mas sim as mesmas partes “de quem vergonha é natural reparo” [II.37], as partes pudendas. E aí, — como dizê-lo? [...] O que esses “roxos lírios”, aí localizados, significam para mim [...] são as mucosas vermelhas dessas partes, entreabertas às vezes na maturidade do desenvolvimento, ou na indiscrição amorosa, que o Poeta quis “realisticamente” descrever» (PEIXOTO 1932, pp. 262-264). Agora em *Os Lusíadas*, III.132, as «brancas flores» que o *colo de garça* de Inês de Castro «sustinha», como um «soutien»: «Além desta razão, filológica ou lingüística, de minha interpretação, tenho ainda outra, decisiva, histórica e artística, que *as obras com que amor matou de amores*, de Inês a D. Pedro, eram as do seu colo alabastrino, os seus seios...» (PEIXOTO 1932, p. 275).

BIBL.: Livro comemorativo da Fundação da Cadeira de Estudos Camonianos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927; MAGALHÃES, in PEIXOTO, J. Afrânio, *Ensaio Camonianos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932; PEIXOTO, J. Afrânio, *Medicina d'Os Lusíadas*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924; id., *Dinamene, Alma minha gentil*. Estudo de Afrânio Peixoto seguido de 44 poesias de Luís de Camões, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926; id., *Ensaio camonianos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932; id., *Camões e o Brasil*, Paris/Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, s/d; RIBEIRO, Leonídio, *Vida e Obra de Afrânio Peixoto*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Biblioteca de Altos Estudos, 1951.

Marcia Arruda Franco

**ALMEIDA, Manuel Pires de** (1597-1655). Formado no contexto de florescimento cultural eborense, é um exemplo perfeito daqueles que, conscientes do valor do património literário herdado de tempos não muito distantes, se propõem

preservá-lo e defendê-lo. Com um rigor muito próprio e uma sólida formação de base, bebida na leitura dos clássicos ou dos poetas mais modernos da Itália, Espanha e França, elabora uma teoria literária que lhe permite participar com estudos aprofundados em acesas polémicas, sobretudo nas que se centravam na obra camoniana.

Nascido em Évora, em 1597, Manuel Pires de Almeida estuda no Colégio do Espírito Santo, onde obtém o grau de Mestre em Artes, frequentando, de seguida, o curso de Teologia na mesma Universidade. Não chega a concluí-lo, pois parte para o estrangeiro, ficando a conhecer a França e a Itália. Regressa por volta de 1620 e recebe ordens religiosas. Em 1630, parte para Roma, onde permanece dois anos, que aproveita para conhecer a fundo as ideias de vanguarda no domínio da crítica e da teoria literária. Em 1638, está de volta a Lisboa e aí fica até 1655, ano da sua morte.

O contexto político que então se vivia sob a Monarquia Dual, não só contribui para a exaltação da epopeia nacional, configurada n' *Os Lusíadas*, como proporciona a ambiência ideal para a composição de imitações, com a aspiração mais ou menos explícita de restaurar a independência perdida. A par do que acontecia em Itália com a *Gerusalemme Liberata*, de Torquato Tasso, que se tornara tão familiar que era entoada de cor, em Portugal, a obra camoniana, a par de críticas cerradas, tornara-se igualmente um modelo por excelência. Em simultâneo, assistia-se a uma verdadeira glorificação de Camões como poeta nacional, que punha em evidência a perfeição do poema, ou seja, apresentando-o como a realização mais conseguida dos preceitos do poema épico. Como tal, a leitura d' *Os Lusíadas* torna-se cada vez mais condicionada pelas normas definidas como específicas do poema épico, género altamente codificado, sobretudo a partir da divulgação da *Poética*, de Aristóteles, e dos trabalhos dos teorizadores e comentadores italianos do século XVI. É também nesta altura que o poema de Torquato Tasso, concluído em 1575, mas só editado em 1581, começa a ser divulgado em Portugal, quer através de traduções, em especial a castelhana, aparecida naquela mesma década, quer lido no original numa das suas numerosas edições, certamente a que continha as anotações de Guastavini, como se depreende da leitura dos

textos críticos de Manuel Pires de Almeida. Neste contexto, não tardaria muito que a *Gerusalemme Liberata* se tornasse um paradigma e, como tal, passasse a competir com *Os Lusíadas*. Surge até uma certa rivalidade entre aqueles que entronizavam Camões como o príncipe dos poetas épicos, e os outros, que lhe contrapunham Tasso. Tal polémica tornou-se em si uma pedra de toque para a história dos códigos literários em Portugal.

Inicialmente, todo o debate se centrou à volta do episódio do sonho de D. Manuel e ampliou-se gradualmente a toda a extensão do poema. Foi esse episódio d' *Os Lusíadas*, tão considerado na altura pelo seu valor simbólico e por nele se pôr à prova o estro poético camoniano, que serviu de pedra de toque para a crítica do tempo, pela crescente necessidade de explicação e explicitação do texto, assim como para a defesa do poema nacional no período conturbado da unificação política da Península. Daí se concentrar em tão breve trecho um rol de características que também o poema deveria partilhar — desde a questão do uso da mitologia, à verosimilhança, à necessidade de uma boa imitação, ao decoro e conveniência, e até à invenção. Com tal debate, estava, pois, traçada a fortuna do episódio do sonho de D. Manuel, que passaria a ocupar a atenção da intelectualidade portuguesa durante cerca de século e meio.

Tudo começou, então, quando Manuel Pires de Almeida, ao participar nos trabalhos da Academia dos Ambientes, de Évora, em 1629, apresenta um trabalho intitulado *Juízo Crítico sobre a Visão do Indo e Ganges, Rios da Índia, a El-rei D. Manuel, Representado nos Lusíadas de Camões em o Canto Quarto*, que vai desencadear um forte debate em torno do poema camoniano, centrando-se na sequência, como o título sugere, que narra o sonho do Venturoso, e tendo como antagonistas, sobretudo, João Soares de Brito, João Franco Barreto e Manuel de Faria e Sousa. Se considerarmos os textos produzidos em resposta a este, embora espaçados no tempo, por vezes com intervalos de décadas, teremos de admitir que o debate à volta do passo em questão acaba por dar lugar a uma polémica lapidar entre camonistas e tassistas, se bem que muitos textos tenham sido obliterados, tendo desaparecido ou sido sonogados os que evidenciavam uma maior hostilidade contra Camões e em favor de Torquato

Tasso, que entretanto se afirmava como modelo alternativo ao poeta nacional. Para a discussão então estabelecida, o período mais intenso na produção de textos situa-se após a segunda passagem de Pires de Almeida por Itália, precisamente após o seu regresso definitivo à pátria, verificado em 1632, através da composição dos seus escritos mais relevantes, depois reunidos em quatro volumes manuscritos, hoje na Torre do Tombo, depois de terem pertencido à riquíssima livraria dos Duques de Cadaval.

Se, como vimos, Manuel Pires de Almeida, com o *Juízo Crítico sobre a Visam do Indo, e do Ganges* que veio suscitar a grande polémica entre camonistas e tassistas, as respostas não demoraram a fazer-se ouvir e a primeira surge por iniciativa de João Soares de Brito, na *Apologia em Que Se Defende a Poesia do Principe dos Poetas d'Hespanha Luis de Camoens No Canto IV. Da est. 67 à 75. & Cant. 2. Est. 21. & Responde às Censuras d'hum Critico d'estes Tempos*, cujo texto é a refundição de outro, manuscrito, com o título de *Resposta ao Juízo Crítico do Lic.º M. el Pirez de Almeida sobre a Visam do Indo, e do Ganges*, texto que foi copiado por Pires de Almeida em 1639. Por sua vez, a réplica de Pires de Almeida a Soares de Brito insere-se na *Resposta ao Intuito do Apologista*, também de 1639, assim como na *Replica Apologetica à Resposta do Licenciado Joam Soares de Brito do Juízo da Visam do Indo, e Ganges, Escrita com a Penna do Author do mesmo Juízo*, igualmente datada do mesmo ano ou do ano seguinte. Neste ambiente acalorado desse ano de 1639, vem ainda a lume o *Discurso Apologético sobre a Visão do Indo e do Ganges no Canto IV dos Lusíadas*, da responsabilidade de João Franco Barreto, que perfila com João Soares de Brito, e que estaria destinado a circular, igualmente manuscrito, durante os séculos seguintes. Por sua vez, Manuel de Faria e Sousa publica a monumental edição d' *Os Lusíadas*, acompanhada de comentários. De imediato, Pires de Almeida reage à iniciativa de Faria e Sousa com a *Resposta a Manuel de Faria e Sousa Ett. Defendendo a Luis de Camões de alguns Descuidos, que lhe Imputamos no Sonho, que Teve el Rey D. Manuel, Aparecendo-lhe o Indo, e o Ganges e, inabalável, continua a sua vasta produção crítica, centrando-se sempre em temas relacionados com a épica e assumindo de*

contínuo a mesma atitude polémica. Por volta de 1640, Pires de Almeida volta à carga com a *Defensam do Apenso ao Juízo Crítico* e, dois anos mais tarde, em 1642, com o *Exame do Cap. 3. à Resposta da Censura 4...*, que se trata de outra resposta a Soares de Brito, motivada agora pela publicação da *Apologia* acima indicada. Depois deste período, por volta de 1648, Manuel Pires de Almeida dedica-se, também ele, ao comentário d'*Os Lusíadas*, que deixa incompleto, no Canto V, e, por volta de 1652, também se devota às *Rimas*, aproveitando, para o efeito, o comentário já elaborado por Manuel de Faria e Sousa, na altura ainda não publicado, visto que este só surge à luz do dia em 1685.

Um pouco à margem desta contínua produção crítica, embora profundamente condicionado pelo contexto, e com intuítos menos polémicos, surge, em 1636, o *Discurso Poético*, de Manuel de Galhegos, anteposto à *Ulisseia*, de Gabriel Pereira de Castro. Se compôs outros textos de natureza teórica ou polémica, não chegaram aos nossos dias, nem aparecem referenciados, talvez mesmo por emparelharem com Manuel Pires de Almeida. De igual modo, embora ainda se refiram as declarações de Francisco Rodrigues de Silveira, de D. Agostinho Manuel de Vasconcelos e de D. Francisco Child Rolim de Moura militando em idênticas fileiras, nada destes escritores com semelhante conteúdo é do conhecimento público, talvez por manifestarem fortes reservas ao poeta português. Aos dois últimos faz D. Francisco Manuel de Melo alusão no *Hospital das Letras*, obra em que já procede a uma apreciação um tanto abrangente da polémica, muito embora ainda manifeste claramente a sua preferência pela fação dos camonistas.

Por conseguinte, centrando-se tal polémica em Manuel Pires de Almeida, detentor de uma vasta cultura e conhecedor dos autores, teorizadores e críticos literários mais relevantes do seu tempo, ele foi, sem dúvida alguma, uma figura de referência, que se rodeou de um escol de estudiosos do poema camoniano, que o apoiavam ou se lhe opunham acerrimamente, levando-o inicialmente a levantar-lhe sérias reservas e, no fim, a admitir o seu valor e lugar de posição nas Letras Portuguesas. Polemista imbatível, foi, pois, o mentor de um dos debates mais acesos da História da Ideias Literárias em Portugal.

BIBL.: *Obras de Manuel Pires de Almeida*: Cod. 1096-A do Arquivo Nacional da Torre do Tombo; *Viagem ao Parnaso*.

Cod. 1096-B: *Eloquência, Retórica e Poética*, fl. 1-48 e 63-64v; *Poeta. Regimento Poético*, fl. 65-160v; *Idea de la Fabula Representativa*, fl. 161-191; *Modelo de la Epopeia, o Imagem del Poema Heroico*, fl. 197-210; *Juízo Crítico sobre a Visão do Indo e Ganges, Rios da Índia, a El-rei D. Manuel, Representado nos Lusíadas de Camões em o Canto IV*, fl. 215-232; *Resposta a Manuel de Faria e Sousa Ett. Defendendo a Luis de Camões de alguns Descuidos, que Lhe Imputamos no Sonho, que Teve el Rey D. Manuel, Aparecendolhe o Indo, e o Ganges*, fls. 233-240; *Resposta ao Juízo Crítico do Ldo Mel. Piz' d'Almeida*, fl. 241-262; *Resposta ao Intuíto do Apologista*, fl. 265-339; *Replica Apologetica à Resposta do Licenciado Joam Soares de Brito do Juízo da Visam do Indo, e Ganges, Escrita com a Penna do Author do mesmo Juízo*, fls. 340-383; *Defensam do Apenso ao Juízo Crítico*, fls. 384-389; *Exame do Cap. 3. à Resposta da Censura 4...*, fls. 391-537v; *Episódio: Sua Natureza, e Seu Significado*, fl. 540-541.

Cod. 1096-C: *Comentário d'Os Lusíadas de Luis de Camões (Cantos I-V)*, fls. 1-572; *Canções. Os Vestidos Elisa Revolvía. Sobolos rios que vão*, fl. 573-581v.

Cod. 1096-D: *Elegia de Luis de Camões à Morte de Dom Tello*, fl. 1v-15v; *Comentário às Rimas Várias de Luis de Camões*, fls. 16-118; *Fragmento do Comentário ao Sonho de D. Manuel*, fl. 120-121.

*Estudos sobre o autor*: AMORA, António Augusto Soares, *Manuel Pires de Almeida — Um Crítico Inédito de Camões*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1955; FERRO, Manuel, *A Recepção de Torquato Tasso na Épica Portuguesa do Barroco e Neoclassicismo*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade, 2004, pp. 171-272; MIRANDA, José da Costa, «Manuel Pires de Almeida, crítico do século XVII, e os seus manuscritos: Lugar de Camões e de alguns poetas e teorizadores italianos», *Brotéria*, 1980, vol. 111, n.ºs 1-2-3, pp. 44-54; PIRES, Maria da Conceição Ferreira, *Os Académicos Ebo-renses na Primeira Metade de Seiscentos. A Poética e a Autonomização do Literário*, Lisboa, Colibri, 2006; PIRES, Maria Lucília Gonçalves, «Manuel Pires de Almeida», *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1995, vol. 1, col. 165-157; PIVA, Luís, «Discurso Apologético de Manuel Pires de Almeida sobre a proposição de *Os Lusíadas*», *Revista Camoniana*, 1971, vol. 3, pp. 235-258; id., «Manuel Pires de Almeida, Comentarista de *Os Lusíadas*», *O Ocidente*, Nova Série, 1973, vol. LXXXIV, n.º 418, pp. 89-99; id., «O Quinto Canto de *Os Lusíadas* visto por Manuel Pires de Almeida», *Revista Camoniana*, 2.ª série, 1978, vol. 1, pp. 59-66.

Manuel Ferro

**AMOR.** Omnipresente na lírica e no teatro (e com pontual, mas marcada, importância n'*Os Lusíadas*), o Amor é talvez o tema de maior

alcance significativo na obra de Camões. Trata-se de um *Leitmotiv* rico em ramificações complexas, tanto no que respeita à sua genealogia (pois confluem nas conceções camonianas de Eros sensíveis ressonâncias do tratamento dado ao Amor nas literaturas greco-latina, italiana e castelhana), como no que toca às concretizações e entrosamentos do tema na obra camoniana propriamente dita, sendo que, na multiplicidade de efeitos que o tema do Amor provoca no leitor de Camões, o mais irresistível e ao mesmo tempo mais enganador será a ilusão de que o motivo serve ao poeta para encriptar a sua autobiografia.

Ao contrário, porém, do que sucede com Petrarca, cantor de Laura, ou até com António Ferreira — recorde-se a presença, nos sonetos deste autor, da sua esposa, Maria Pimentel —, no caso da lírica camoniana depara-se-nos a elisão tão propositada quanto enigmática da identidade factual da(s) amada(s), o que permite duas leituras possíveis: (1) uma leitura biográfica, segundo a qual a vida privada de Camões estaria de facto codificada na sua poesia lírica, cabendo ao hermenauta a tarefa detectivesca de haurir do texto as pistas que confirmariam cumulativamente a identidade desta ou daquela mulher real; (2) uma leitura não-biográfica, alicerçada antes no subtilíssimo jogo de códigos poético-literários que Camões domina à perfeição em todos os géneros que cultivou, leitura essa que vê no objeto de escrita, eleito pelo sujeito emissor do texto poético, não tanto esta ou aquela amada real, mas sim a própria fenomenologia do Amor.

Contra (1) é preciso frisar que, de Faria e Sousa a José Hermano Saraiva, nunca foi possível construir uma metodologia (quer histórica quer prosopográfica) suscetível de objetivação factual para explicitar as identidades reais das mulheres apostrofadas por Camões, facto flagrantemente posto em destaque pela falta de coincidência das identidades propostas (D. Francisca de Aragão, D. Catarina de Ataíde, Infanta D. Maria, D. Violante de Andrade e filha, etc.). Quanto a (2), gostaríamos de lembrar, em abono de uma leitura mais sustentada pelo jogo de códigos poético-literários, os precedentes latinos (sobretudo Propércio e Ovídio) e a importante teoria, propugnada por Maria Wyke, segundo a qual, já na poesia amorosa latina, não é de uma *woman* que se trata, mas sim de uma *written woman*, de uma

«mulher escrita» (a *scripta puella* de Propércio), cuja identidade só vive e respira no texto e em função do texto. Também assim se entende melhor que, da «pretidão» da Bárbara cativa à brancura alvinitente da dama petrarquizante, todos os cromatismos do amor sejam possíveis nesta exploração essencialmente literária que Camões faz da fenomenologia de «amar».

Paralelamente, há que entender a função do Amor em grande parte da lírica de Camões como dinâmica-motriz do próprio ato de escrever. O Amor é, por assim dizer, o combustível que põe a máquina da escrita em ação. Nas redondilhas com o título «Carta a ùa Dama» (p. 7, ed. Costa Pimpão), é das suas próprias asas que o Amor arranca a pena que dá ao poeta como instrumento de escrita: «das asas tirou a pena / com que me fez escrever». Seguem-se os seguintes versos: «E dando-me a padecer / tudo o que quis que pusesse, / pude, enfim, dele dizer / que me deu com que escrevesse / o que me deu a escrever». Esta ideia do Amor como dinâmica autossuficiente da escrita tem um correlato significativo num dos poemas mais subtilmente codificados que Camões escreveu, a primeira canção da edição *princeps* da lírica (1595), *Fermosa e gentil dama, quando vejo*. Na primeira estrofe, o sujeito lírico vinca de várias formas a autossuficiência do Amor por ele sentido face à amada: diz não ter outro objetivo que não o próprio sentimento de desejar («de meu não quero mais que meu desejo»), chegando a declarar-se apaixonado por si mesmo («e de mim, que vos amo, / em ver que soube amar-vos, me namoro»), a ponto de sentir ciúmes por interposta pessoa, ciúmes de si próprio (isto é, chamando a si os ciúmes imaginários da dama): «e fico por mim só perdido, de arte / / que hei ciúmes de mim por vossa parte».

É neste contexto do entendimento autossuficiente do Amor que podemos também ler a permuta de identidades entre amador e coisa amada que encontramos no famoso soneto *Transforma-se o amador na coisa amada* e nas redondilhas *Se só no ver puramente e Amor, cuja providência* («porque n'alma vos levasse, / respeitando o mal de ausência / quis que em vós me transformasse»). Este último poema elide uma *vexata quaestio* que se coloca ao sujeito lírico dos outros dois textos referidos, a saber: pode a transformação anímica do amador na amada racionalizar, suprir